

ARMAS NUCLEARES, TÁTICAS E ESTRATÉGICAS

Ten Cel Art QEMA
KLEBER FREDERICO DE OLIVEIRA

1. INTRODUÇÃO

A possibilidade de fissão ou fusão de núcleos atômicos em decorrência de um estímulo artificial e comandado, com a conseqüente liberação de enormes quantidades de energia, criou as armas chamadas, inicialmente, de armas atômicas — denominação mais ou menos popular que ainda hoje persiste. Modernamente vem sendo adotada, com mais propriedade, a designação de "armas nucleares" pois, efetivamente, só o núcleo do átomo é trabalhado para a obtenção do arrebitamento.

A princípio, apenas as aeronaves tinham a possibilidade de lançamento de tais armas. Hoje, esta capacidade de lançamento está muito diversificada, tanto em termos de sistemas propulsores ou arremessadores, como de potência maior ou menor de carga transportada. De outra parte, o arrebitamento nuclear pode servir também a cargas de demolição.

2. EFEITOS DOUTRINARIOS

Inevitavelmente, a disponibilidade de armas tão poderosas trouxe profundos reflexos na doutrina de emprêgo das Forças Terrestres. Numerosos escritores militares franceses, por exemplo, afirmam que a arma nuclear inverteu a hierarquia tradicional entre o fogo e a manobra — no combate em ambiente nuclear a manobra será concebida e executada em função do resultado previsível do fogo nuclear.

É compreensível a previsão, se observarmos que a detonação da mais modesta das armas do arsenal nuclear — cuja potência é de meio quilloton — equivale ao poder explosivo, concentrado no tempo e no espaço, de trinta mil granadas de 203mm, o mais poderoso projétil de artilharia de tubo existente. No outro extremo da escala, a arma nuclear de maior potência — isto é, cinco megatons — de que se dispõe de dados aproximados, pode destruir todo o pessoal exposto num círculo de doze quillômetros de raio, no instante da detonação.

Não menos importantes, embora menos freqüentemente referidas, são as seqüelas do arrebitamento nuclear — as radiações gama e beta, sob as formas de radiação residual e radiação induzida. Ademais, quando a "bola de fogo" da explosão toca o solo (ou quando o arrebitamento se dá sob ou na superfície), sobe ao ar enorme volume de pó e detritos. Artificialmente dotados de propriedades radioativas, eles são levados pela chuva ou pelo vento a distâncias relativamente grandes, aumentando assim ainda mais a área afetada.

Tanto estes efeitos posteriores, como as conseqüências imediatas da explosão — incêndios, extensa derrubada de árvores, destruição generalizada de áreas urbanas e obras de arte, morticínio em massa — poderão gerar zonas de obstáculos ou problemas de difficilima solução para ocupação da área por um governo militar, ou mesmo para a sua simples travessia.

Em função de experiências, estudos e avaliações teóricas, as grandes unidades e unidades de armas foram desmontadas, dissecadas e remontadas diversas vèzes. Estruturas de comando sofreram sucessivos reajustes, em busca da dispersão sem descontrôle e da proteção sem perda da mobilidade.

A disponibilidade de maior ou menor variedade de sistemas de armas nucleares tem sido um fator de grande influência na continua evolução da doutrina de combate em ambiente nuclear.

3. SISTEMAS DE ARMAS

Na terminologia militar moderna chama-se "sistema de arma" a um conjunto constituído por um engenho capaz de produzir danos ou baixas, com uma carga explosiva ou nuclear (tal como uma grana-da de 155mm, por exemplo), o meio de lançamento (no caso, o canhão ou obus 155mm), o pessoal que o aciona (guarnição, central de tiro etc.) e os elementos logísticos que o servem (trator, órgãos de manutenção e remuniciamento etc.).

O Quadro n.º 1 mostra, em termos aproximados — pois os dados exatos constituem segredo cuidadosamente guardado — as características dos sistemas de armas estudados no adestramento e instrução da tropa e dos quadros de Estado-Maior, no que se refere à guerra nuclear ativa.

Examinando-se o quadro em questão, depreende-se desde logo a dificuldade de determinar o que é uma arma nuclear tática.

Não obstante a dificuldade desta caracterização, a expressão "armas nucleares táticas" é de uso freqüente entre os estudiosos do assunto e figura correntemente na literatura militar moderna.

Accita embora a expressão, ela permanece com contornos indefinidos. Recentemente a Seção de Artilharia da ECEME foi visitada por um Oficial da Aeronáutica, Engenheiro diplomado pelo IME, que recebera o encargo de ministrar uma aula sobre o tema "Armas Nucleares Táticas" e sentia-se em dúvida na distinção entre armas nucleares táticas e estratégicas.

Parece-nos que igual dúvida também existe no pensamento de muitos companheiros. Este artigo pretende, tão-somente, constituir uma tentativa de esclarecimento. O seu título foi escolhido, precisamente, por sintetizar o tema.

4. POR QUE A DÚVIDA ?

Parece que uma das razões da dúvida é que, tradicionalmente, tódas as armas nascem com características táticas e, com o seu aperfeiçoamento, passam a adquirir valor estratégico.

S I S T E M A D E A R M A	A R M A Q U E L A N Ç A													ALCANCE DE UTILIZAÇÃO (km)	MENOR ESCALAO QUE EMPREGA A ARMA	
	K I L O T O N S						M E G A T O N S									
	0,5	1	2	5	10	20	50	0,1	0,2	0,5	1	2	5			
Canhão de curto alcance	X	X													2 a 10	Bda
Canhão de médio alcance	X	X	X												2 a 20	DIV
Missil livre				X	X			X							5 a 40	DIV
Missil dirigido leve			X	X	X	X									10 a 50	C Ex
Missil dirigido médio					X	X	X	X	X						50 a 150	C Ex
Missil dirigido pesado								X	X	X	X	X	X		50 a 300	Ex
Aeronaves			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		Sem limite	Pedido de apoio a partir da Divisão

QUADRO N.º 1

A arma nuclear, entretanto, surgiu (e foi empregada) no campo estratégico e, com o seu aperfeiçoamento e miniaturização, adquiriu características táticas, sem nunca ter sido empregada no campo tático. Esta inversão criou condições para a perplexidade a respeito da distinção entre os aspectos táticos e estratégicos no emprego de armas nucleares.

Mas a razão maior da dúvida se encontra, a nosso ver, na tomada de uma perspectiva defeituosa da questão, da grande maioria dos que a examinam.

5. CLASSIFICAÇÃO PELA FINALIDADE

Parece inadequado classificar armas, em si, em nível tático ou estratégico. No caso particular das armas nucleares isto é ainda mais difícil, senão impossível. Quando um avião lança uma arma de cinco quilotons sobre um pequeno conjunto industrial no interior do território inimigo, haverá dúvida de que a missão é estratégica? E quando um míssil com ogiva de 50 quilotons é empregado sobre uma cabeça de praia, será questionável se a missão é tática?

Portanto, parece que estratégico ou tático é o fim em vista, para o qual se emprega determinada arma. Em outras palavras, potencialmente toda arma é, em princípio, tática ou estratégica. A rigor, somente nos extremos das faixas de potências há uma caracterização tática — nas armas menores — ou estratégica — nas armas maiores. Admite-se, à falta de experiência real de combate que certas armas de maior potência, pelo seu extraordinário poder destrutivo, só possam ser empregadas com caráter estratégico. Mas é impossível, por falta de experiência real — permita-se repetir este dado fundamental — determiná-las. É certo, porém, que qualquer arma empregada com um propósito tático, pode também sê-lo com um objetivo estratégico. Mesmo as de mínima potência possuem poder destrutivo de valor estratégico, desde que possam ser lançadas de uma aeronave, ou transportadas por míssil de grande alcance.

6. CLASSIFICAÇÃO PELOS SISTEMAS

Examinando-se o Quadro 1, verifica-se que os sistemas de armas podem ser visualizados em níveis táticos e estratégicos.

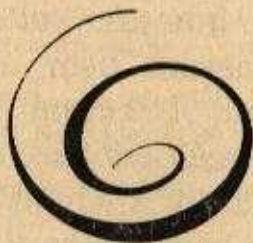
Assim é que, por exemplo, os canhões estão nitidamente situados no campo da tática, assim como os mísseis livres, bem como os mísseis dirigidos leves. O míssil dirigido médio é o elemento de transição; o míssil dirigido pesado, pelo seu alcance, potência da arma que transporta e escalão que emprega parece já pertencer ao nível estratégico; só em caráter muito excepcional poderá ser empregado como arma tática.

Já as aeronaves, mercê da variedade de tipos e armas que podem lançar, atuam indiferentemente tanto nos ambientes estratégicos como nos táticos.

7. CONCLUSÃO

É imprópria a classificação das armas nucleares sob as denominações de armas nucleares táticas e estratégicas, pela inexistência de limites sancionados pela experiência de combate e pelo grande poder destrutivo de qualquer arma nuclear. Mesmo as armas de menor potência podem ser empregadas com uma finalidade estratégica.

É viável, entretanto, uma classificação dos sistemas de armas nos níveis tático ou estratégico. Conseqüentemente, será lícita e correta a referência a "sistemas táticos de armas nucleares" e a "sistemas estratégicos de armas nucleares". Com esta nova perspectiva do problema, tudo se simplifica e esclarece.



"Mais importante do que a organização e as armas são os homens que compõem um moderno Exército. A modernização exige que o soldado seja bem preparado, alerta e inteligente. Ele deve saber pensar e agir rapidamente e ter versatilidade. E deve saber combater em condições superiores contra um inimigo acirrado.

Deve possuir, pelo menos em igual medida, a coragem moral e a devoção ao dever demonstrados pelos seus antepassados".